

# EXERCÍCIO DE CONSERVAÇÃO DO JARDIM HISTÓRICO DO CONJUNTO MODERNO DA SUDENE: UMA EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NO CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CONSERVATION PRACTICE AT THE HISTORIC GARDEN OF THE MODERN ENSEMBLE OF SUDENE: A DIDACTIC EXPERIENCE IN THE ARCHITECTURE AND URBANISM UNDERGRADUATE COURSE AT FEDERAL UNIVERSITY OF PERNAMBUCO

*Joelmir Marques da Silva*  
*Raquel Nadine Cavalcante Ferreira*  
*Wilson de Barros Feitosa Júnior*  
*Thaís Santos Costa*  
*Elzilane Carvalho*

1

## RESUMO

Os jardins históricos são um patrimônio vivo e, como obra de arte efêmera, condição atrelada ao vegetal, necessitam de cuidados constantes para que seus valores patrimoniais não sejam perdidos e, conseqüentemente, a autenticidade, a integridade e a significância. Desta forma, objetivou-se com este artigo, sintetizar as principais discussões e resultados obtidos na disciplina *Oficina de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo 2A – Arquitetura da Paisagem* do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pernambuco pelo pioneirismo em ofertar uma disciplina direcionada ao entendimento e à conservação de jardins históricos, tema ainda pouco explorado no âmbito da graduação dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil. O Jardim da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste, projetado em 1972 por Roberto Burle Marx, foi escolhido como objeto de estudo por ser um marco do modernismo no Brasil (jardim e edifício), bem como por estar em processo de descaracterização. Ao final da oficina chegou-se a um estudo preliminar com diretrizes que embasarão o projeto de restauro do jardim.

Palavras-chave: Jardim histórico. Burle Marx. Conservação. Recife.

## ABSTRACT

The historic gardens are a living heritage and, as an ephemeral artwork, they are linked to the plant condition and require constant care to not lose their patrimonial values, along with their authenticity, integrity and significance. Thus, the objective of this article was to synthesize the main discussions and results obtained in the discipline *Workshop of Architecture, Urbanism and Landscaping 2A – Landscape Architecture* of the undergraduate degree in Architecture and Urbanism at the Federal University of Pernambuco, a pioneering experience directed to the understanding and conservation of historic gardens, a theme that still has been little explored in the undergraduate courses of architecture and urbanism in Brazil. The Garden of the Superintendence for Development of the Northeastern Region, designed by Roberto Burle Marx in 1972, it was chosen as an object of study for being part of a modern ensemble formed by a group of buildings and a garden and for being a landmark of modernism in Brazil, which, due to a series of issues, faces a broad process of decharacterization. At the end of the workshop, a preliminary study had been drawn up, with a set of guidelines, which will support a restoration project for the garden.

Keywords: Historic garden. Burle Marx. Conservation. Recife.



<https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.paam.2020.165344>

Paisag. Ambiente: Ensaios, São Paulo, v. 31, n. 45, e165344, 2020.

## 1. INTRODUÇÃO

Roberto Burle Marx foi e ainda é o grande expoente do jardim moderno brasileiro. Ao tratar do modernismo nos jardins de Burle Marx, Sigfried Giedion (1952) em *Le Brésil et l'architecture contemporaine* afirma que o paisagista se pautou em variados critérios de composição e, além de estar estritamente vinculado ao seu tempo, não negligenciou o passado, ou seja, a história do lugar. Outra característica a ser evidenciada, conforme Silva (2017) está no emprego da vegetação autóctone atrelada a uma reflexão sobre a brasilidade - tão discutida na Semana de Arte Moderna de 1922, porém, sem descartar a vegetação exótica desde que esta tivesse uma relação de identidade com o lugar.

A visão holística de Burle Marx sob à paisagem ao projetar seus primeiros jardins públicos, fato ocorrido na Cidade do Recife, foi fundamental para estabelecer seus princípios projetuais. Assim, em tais jardins sempre encontraremos a preocupação “higienica e educativa, subordinada a uma idéia geral de esthetica [...] [Onde] a par da sombra de grandes arvores - nossa vista se alegra e delicia na contemplação de uma variedade de plantas nativas, belas e exóticas, dispostas harmoniosamente [sic]” (BURLE MARX apud O CARIOCA, 1936, p. 32).

Atualmente, a cidade do Recife conta com um conjunto significativo de jardins públicos e privados projetados por Burle Marx e alguns destes são protegidos pelas instâncias federal e municipal. Em 2015, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) declarou seis jardins<sup>1</sup> do paisagista como Patrimônio Cultural Nacional e os classificou nos seguintes livros de Tombo: (1) Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; (2) Histórico; e (3) Belas Artes. Estes jardins somados a mais nove foram classificados, em 2016, pela Prefeitura do Recife, na categoria de Jardins Históricos, de acordo com Sistema Municipal de Unidades Protegidas (SMUP), totalizando 15 jardins públicos<sup>2</sup>.

1 Praça de Casa Forte, Praça Euclides da Cunha, Praça do Derby, Praça da República e Jardim do Palácio do Campo das Princesas, Praça Faria Neves e Praça Ministro Salgado Filho.

2 Para mais informações consultar Silva (2017).

Ao caracterizá-los como jardins históricos, evidencia-se o “rico testemunho da relação entre a cultura e a natureza, [...] que se preserva no caráter das intervenções realizadas no local e na salvaguarda do espírito do lugar” (IPHAN, 2010, p. 3). Entretanto, para que estes sejam conservados enquanto composição arquitetônica e vegetal que, desde o ponto de vista da história ou da arte apresentem um interesse público, como destaca a Carta de Florença (1981), é de grande relevância que se amplie o estudo de tais jardins para que se possa desenvolver ações que propiciem uma efetiva conservação.

Nesse sentido, além dos 15 jardins públicos protegidos, outros 33 jardins, de caráter privado, foram identificados através da elaboração do *Inventário dos Jardins Privados de Burle Marx*, realizado pelo Laboratório da Paisagem da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Os jardins privados, entretanto, não possuem proteção, apesar de apresentarem características que os qualifiquem como ‘*Jardins Históricos*’. Entre eles, quatro se destacam por sua imponência: (1) a Praça Burle Marx, na oficina Ricardo Brennand; (2) o Jardim da residência de ferro de Cornélio Brennand; (3) o Jardim da Companhia Energética de Pernambuco; e (4) o Jardim da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene).

Contudo, o jardim da Sudene, devido a um processo conturbado de gestão, vem sofrendo um forte processo de descaracterização. Com a transferência da superintendência, o conjunto moderno, formado por edifícios e jardim, permanece em estado de abandono e, desde o final de 2017, passou a integrar o patrimônio da UFPE, que está construindo o *Plano Diretor* para sua integração com o Campus Reitor Joaquim Amazonas. Para tanto, criou-se a *Comissão para Instalação da UFPE no Prédio da Sudene*, onde o Laboratório da Paisagem da UFPE, sob coordenação da Profa. Dra. Ana Rita Sá Carneiro, está responsável pelo projeto de restauro do jardim.

Para tanto, o jardim da Sudene foi objeto de estudo da disciplina *Oficina de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo 2A – Arquitetura da Paisagem (Oficina 2A – AQ 562; 75h/a)*, do Curso de

Arquitetura e Urbanismo da UFPE, coordenada pelo Prof. Dr. Joelmir Marques da Silva, com apoio dos pesquisadores Raquel Ferreira e Wilson de Barros Feitosa Júnior, e incorporou alunos do terceiro ao nono período, visando contribuir com o projeto de restauro.

Nesse sentido, objetiva-se com o presente artigo, sintetizar os principais resultados e discussões da disciplina diante do pioneirismo do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE em ofertar uma disciplina direcionada para o entendimento e conservação de jardins históricos, tema ainda pouco explorado no âmbito da graduação dos cursos de arquitetura e urbanismo no Brasil.

## 2. O JARDIM DA SUDENE E SUAS ALTERAÇÕES AO LONGO DO TEMPO

Criada por meio da Lei nº 3.692, de dezembro de 1959, pelo economista Celso Furtado, a Sudene é uma autarquia federal de grande importância por sua função de gerenciar e coordenar uma série de transformações no Nordeste, a exemplo de execução de obras de abastecimento, de construção de estradas, além de se inserir no contexto de importantes acontecimentos, tais como: a construção de Brasília (1956-60), os períodos de seca no Nordeste, o desenvolvimento de indústrias locais e o Golpe Militar de 1964.

A criação da Sudene exemplifica a compreensão de região como espaço demarcado por uma vontade política, isto é, por uma organização de forças sociais em torno da “afirmação de um projeto, que a torne mais coesa, mais aguerrida, mais confiante e mais poderosa, numa determinada fração do Território Nacional” (SANTANA, 1939, p. 7).

Dada sua relevância, as atividades passaram a acontecer em 27 edifícios ao longo do município do Recife. Em meados da década de 1960, buscando a redução dos gastos com aluguel e condomínio, idealizou-se uma sede da autarquia. Inicialmente, o projeto foi elaborado pela equipe liderada pelo arquiteto Glauco Campe

llo<sup>3</sup> e, em 1967, foi apresentado o anteprojeto ao economista Rubens Vaz da Costa, então superintendente. O projeto foi pensado de forma a conter o edifício-sede, uma biblioteca (inaugurada com o nome de Celso Furtado), um conselho deliberativo, um auditório, blocos para serviços médico e social e um restaurante<sup>4</sup>, se configurando como um grande conjunto arquitetônico moderno (Figura 1).

Devido a uma série de questões da época, marcada pelo regime militar, o projeto foi posteriormente desenvolvido por Maurício Castro, Paulo Roberto Silva, Pierre Reithler e Ricardo Couceiro (NASLAVSKY, 2012). Finalizado em 1969, durante a administração do general Tácito Teófilo Gaspar de Oliveira, a execução do primoroso conjunto moderno ficou a cargo da coordenação do engenheiro Pedro Gorgônio.

No conjunto, cabe destacar o que viria a ser o edifício-sede, ícone da Sudene (Figura 2), marcado pela “monumentalidade de seus 13 pavimentos dispostos sob pilotis em lâminas curvas de mais de 270 metros de extensão com ampla utilização do cobogó como elemento de vedação e composição estética” (FERREIRA; SILVA; VIEIRA-DE-ARAÚJO, 2018, p. 2743).

Iniciadas as obras do conjunto arquitetônico na gestão de Evandro Moreira de Sousa Lima, superintendente da autarquia entre os anos de 1971 e 1974, foi proposta também a construção de um jardim idealizado pelo renomado paisagista Roberto Burle Marx, cujo projeto original data do ano de 1972. Com uma área de aproximadamente 7,6 hectares, onde passa o canal do Cavouco, o jardim envolve todo o terreno e se desenvolve no sentido norte-sul, emoldurando os edifícios como um quadro composto por diferentes cores, formas, texturas e ritmos (Figura 3).

3 Outros arquitetos participaram do processo, como Marcos Domingues, Armando de Holanda, Luiz Lacerda Nilo, César Augusto, Cristina Jucá, Newton Viana e Jorge Martins Júnior.

4 Atualmente, os blocos de serviços médico e social e restaurante abrigam atividades do Instituto Federal de Pernambuco.



Figura 1 – Conjunto moderno da Sudene. Onde: (1) Conselho deliberativo e auditório; (2) Edifício-sede; (3) Biblioteca Celso Furtado; (4) Restaurante; e (5) serviços médico e social.  
Fonte: Foto aérea do Google Earth, 2019. Editada por Raquel Ferreira, 2019.

4



Figura 2 – Vista do edifício da antiga sede da Sudene, após sua inauguração.  
Foto: Alcir Lacerda, década de 1970. Fonte: Fundação Joaquim Nabuco.

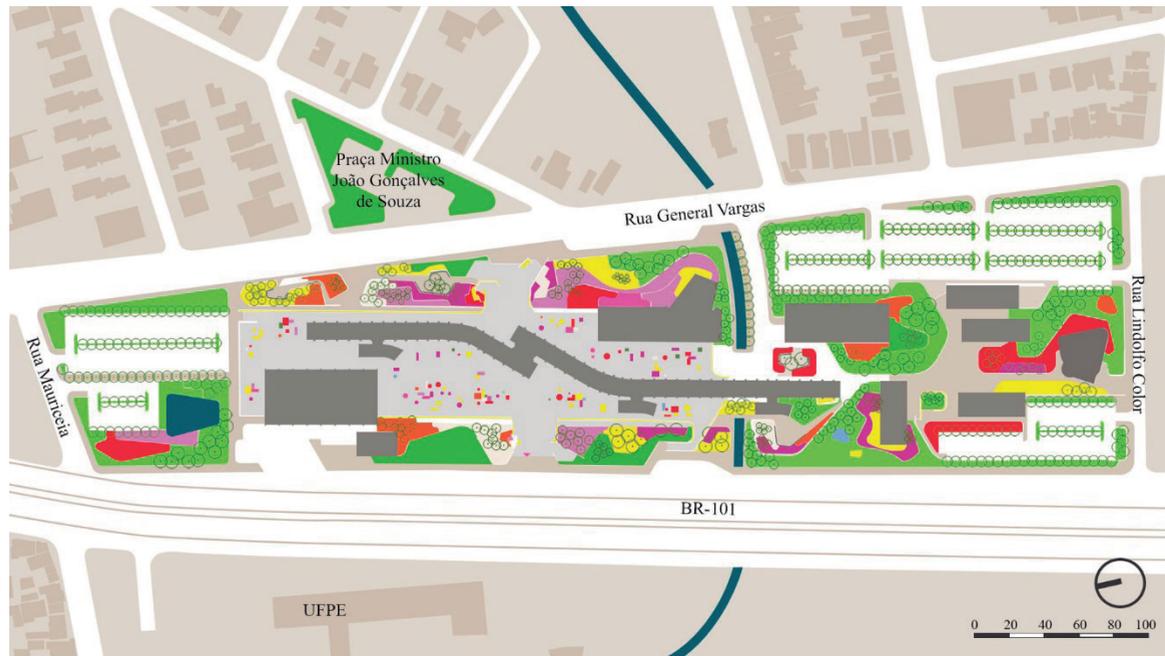


Figura 3 – Digitalização e coloração, conforme espécie vegetal, do projeto original de Burle Marx para a Sudene, 2019. Fonte: Acervo Sudene. Editada por Elizilane Carvalho, 2019.

Com uma grande diversidade de espécies vegetais [78 espécies, segundo o projeto original]<sup>5</sup>, “no jardim da Sudene a rusticidade e pureza dos materiais são complementadas pelo caráter selvático e agigantado da natureza tropical” (BISPO, 2010, p. 151). Além disso, cada porção do jardim foi planejada para ter uma plasticidade própria (Figura 4) para que pudesse ser “apreciado juntamente com outras formas de expressão artística, como os painéis de pré-fabricados e cerâmicos” idealizados por Paulo Roberto Barros e Silva e Francisco Brennand (FERREIRA, 2018, p. 47).

Ao Norte do jardim, têm-se o estacionamento composto por oitizeiros (*Licania tomentosa*) e sombreiros (*Clitoria fairchildiana*) que foram usados para amenização da temperatura em decorrer da utilização de pavimento asfáltico. Um espelho d’água (Figura 5a) trapezoidal e uma fileira de ataleias (*Attalea* sp.) completam a monumentalidade desta área. A Leste, com a presença de árvores frondosas, há espaços de contemplação delimitados pelo traçado dos bancos de concreto armado (Figura 5b). Já na

<sup>5</sup> Para maiores informações sobre a paleta vegetal do projeto paisagístico consultar Sá Carneiro, Silva e Rolin (2018).

parte Oeste, que possui um caráter mais artístico, por ser a entrada principal do edifício-sede, as macaibeiras (*Acrocomia intumescens*), os jasmim-manga (*Plumeria rubra*) e os ipês-roxo (*Handroanthus impetiginosus*), bem como uma diversidade de espécies herbáceas e arbustivas, dão nota colorida e ritmo ao local, por suas cores fortes e escala (Figura 5c).

No terraço jardim (Figura 6a e 6b), jardineiras foram usadas com vegetação menos frondosa, a exemplo da espécie brinco-de-princesa (*Allamanda nobilis*), de coloração marcante e que permite a permeabilidade visual em relação às outras partes do jardim. Na porção Sul (Figura 6c), destinada também a estacionamento, os resedás (*Lagerstroemia speciosa*) e os oitizeiros (*Licania tomentosa*) foram os elementos de grande destaque na composição.

Outro ponto que deve ser ressaltado é a relação do jardim do conjunto moderno da Sudene com o do Campus da UFPE (Figura 7), que também foi projetado por Burle Marx juntamente com José Tabacow e Haruyoshi Ono em 1973. Embora o projeto não tenha seguido adiante, não há como deixar passar as semelhan-



Figura 4 – Diferentes partes do jardim: painéis de Paulo Roberto Barros e Silva (ao centro) e Francisco Brennand (à direita).  
Foto: Raquel Ferreira, 2018

6



Figura 5 – Estacionamento norte (a) e porções leste (b) e oeste (c) do jardim.  
Fonte: Laboratório da Paisagem – UFPE, 2010.



Figura 6 – Terraço jardim (a e b) e estacionamento sul (c).  
Fonte: Laboratório da Paisagem – UFPE, 2014.

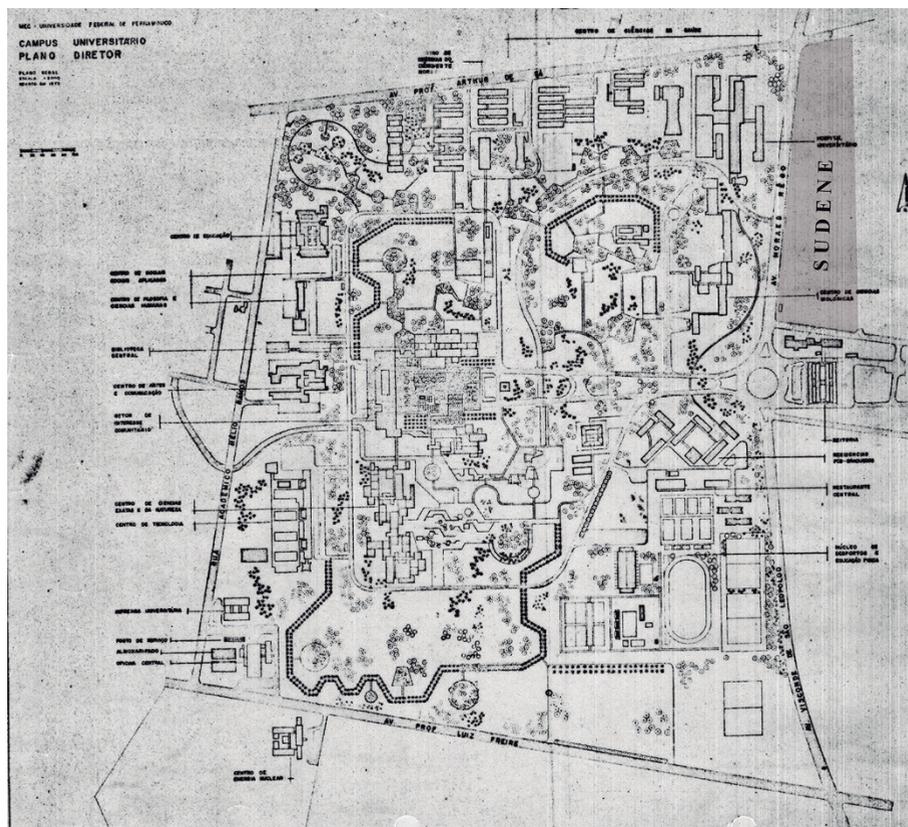


Figura 7 – Projeto de ajardinamento proposto por Burle Marx para o Campus da UFPE, 1972. Fonte: Memorial Denis Bernardes. Editada por Raquel Ferreira, 2019 [inserção da área da Sudene].

ças entre linhas projetuais e maciços vegetais presentes nos dois projetos.

Entretanto, com o passar dos anos, o jardim da Sudene foi sendo descaracterizado pela falta de conservação (SÁ CARNEIRO; SILVA; ROLIM, 2018). Em trabalhos realizados pelo Laboratório da Paisagem da UFPE e em estudos apresentados por Ferreira (2018), viu-se que seria necessário fazer uma retrospectiva das principais alterações ocorridas no jardim para que fosse possível elencar as diretrizes de restauro.

Por meio da análise de fotografias históricas e ortofotocartas obtidas em diferentes acervos<sup>6</sup>, foi possível constatar que no mês de

<sup>6</sup> Agência Estadual de Planejamento e Pesquisas de Pernambuco (Condepe-Fidem), Fundação Joaquim Nabuco, Museu da Cidade do Recife, Fundação Biblioteca Nacional e Memorial Denis Bernardes.

abril de 1974, o traçado proposto inicialmente por Burle Marx já estava praticamente implantado, cabendo alterações de maior relevância na parte *Sul* do terreno, onde mudanças no projeto de arquitetura e a necessidade de se construir mais um estacionamento resultou em uma expressiva alteração do traçado do jardim proposto pelo paisagista para essa área (Figura 8). Apesar disso, pode-se afirmar que grande parte do traçado inicial de Burle Marx foi mantido, sendo executado entre 1973 e 1974, quando o edifício-sede já havia sido construído.

Com relação aos canteiros geométricos concebidos para o terraço-jardim do edifício-sede (Figura 9), foi implantado um desenho distinto à planta do projeto original, sendo a alteração feita desde o momento de execução e não uma intervenção posterior do projeto. Já os bancos e jardineiras das escadarias foram construí-

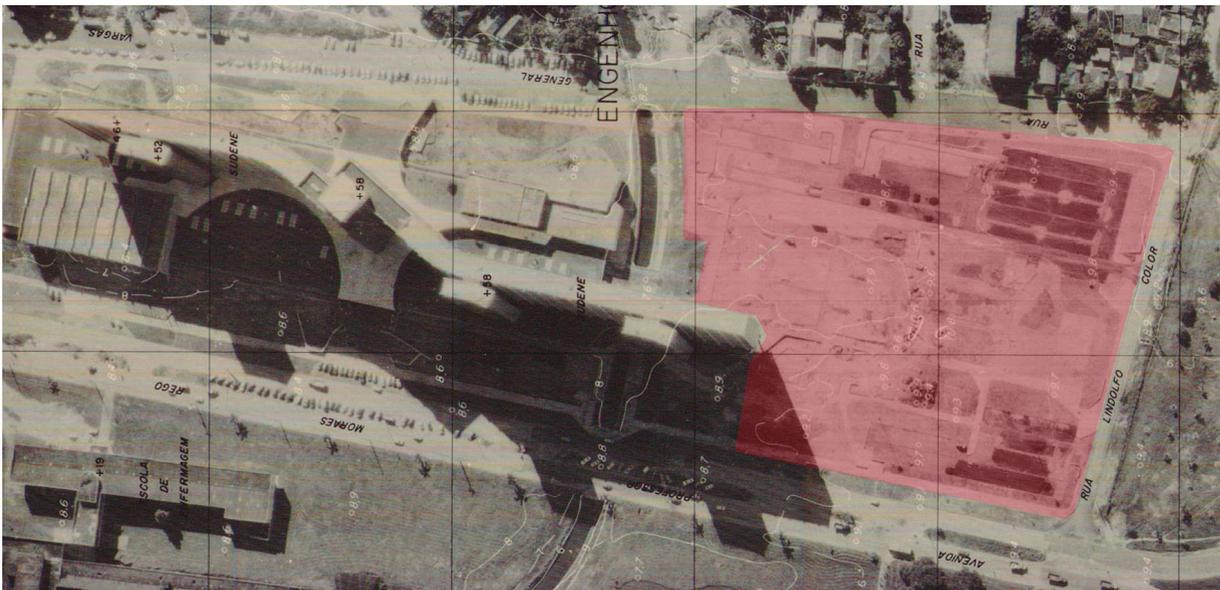


Figura 8 – Ortofotocarta da década de 70. Em destaque, parte alterada.  
 Fonte: Fidem, 1974. Editada por Raquel Ferreira, 2018.

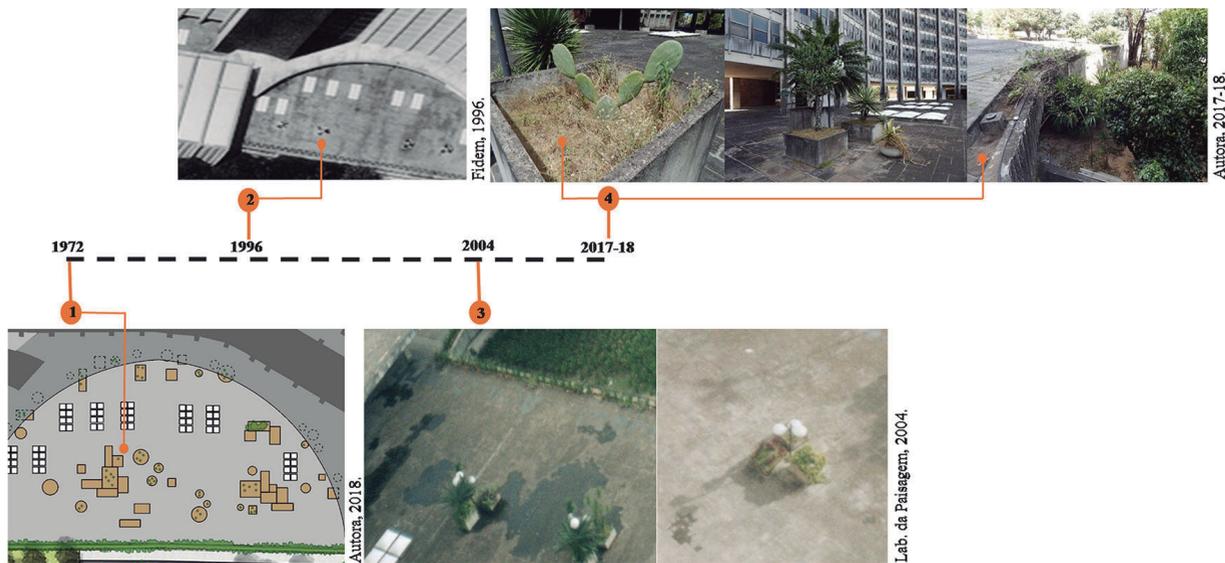


Figura 9 – Principais alterações ocorridas no terraço-jardim.  
 Fonte: Raquel Ferreira, 2018, p. 75.

dos conforme o projeto original e permanecem até hoje, ainda que em mal estado de conservação.

A respeito da vegetação original do projeto, observa-se uma série de modificações durante a implementação do jardim. Apesar de não existir registros em planta baixa ou escritos de Burle Marx a respeito de tais alterações, acredita-se, levando em conta as espécies constantes em seu repertório botânico, que algumas dessas alterações foram sugeridas pelo próprio paisagista, assim como fez em outros projetos, como por exemplo, a Praça de Casa Forte (1935), o Jardim da Capela da Jaqueira (1951) e a Praça Ministro Salgado Filho (1957), todas em Recife. Não é possível atestar com certeza o motivo dessas modificações, mas diante da imensidão do jardim e da diversidade de espécies proposta, provavelmente tal fato ocorreu devido à falta de oferta de espécies no mercado ou à restrição de recursos para a obra, bem como a pré-existência de espécies arbóreas no entorno do conjunto e a percepção *in loco* dos cenários criados pela vegetação, que podem ter contribuído para a não inserção no projeto.

### 3. DA COMPREENSÃO À CONSERVAÇÃO DO JARDIM DA SUDENE: A EXPERIÊNCIA NA DISCIPLINA OFICINA 2A

A partir desse primeiro entendimento do jardim da Sudene, com base na pesquisa bibliográfica e histórica para a compreensão de sua totalidade, as equipes de alunos foram distribuídas em quatro grupos de trabalho, cada uma responsável por uma dimensão do jardim: (1) Arte; (2) Botânica; (3) Infraestrutura/ Hidráulica; e (4) História, seguindo a metodologia de Carmen Añón Feliú (1993) e adaptada por Sá Carneiro, Castel-Branco e Silva (2016).

Para a análise de tais dimensões, que estão presentes também na Carta de Florença (1981) e no Manual de Intervenção de Jardins Históricos (2005), foram necessários quatro dias de imersão teórica sobre os seguintes temas: (1) Princípios paisagísticos de Burle Marx, com ênfase nos atributos do jardim da Sudene; (2) Teoria da conservação de jardins históricos, que abarcou o enten-

dimento dos estágios que um *bem* pode passar ao longo de sua vida que, de acordo com Baldini (2002), são: (a) o da destruição (*thánatos*) – seja por parte dos gestores (descuido e abandono) ou por acontecimento externo (terremoto, incêndio, caída, etc.) – ou (b) o da prolongação da vida (*bios*) – que resulta do ato físico do cuidado material da obra para protegê-la de danos e perdas (manutenção e conservação) – ou (c) o da restituição de sua realidade como obra de arte (*heros*) que se manifesta no ato final da filologia crítica (restauração); e (3) fotointerpretação, uma das técnicas do método histórico.

Nesse momento, questões como valores, autenticidade, integridade e significância foram incorporadas nas discussões. Tais conotações teóricas foram rebatidas em sala de aula no momento da análise de projetos de restauro como, por exemplo, os realizados para: a Praça de Casa Forte, o Jardim do Palácio do Campo das Princesas, a Praça Ministro Salgado Filho e os jardins de Tzintzuntzan, Michoacán, México.

Após esse aporte teórico e metodológico, foi o momento de cada equipe realizar visitas de campo durante quatro dias (Figura 10). Com o olhar de cada grupo direcionado para cada uma das dimensões de análise, foi possível construir um mapa de danos do jardim e constatar as camadas do tempo, ou seja, a conservação. Os dados obtidos foram analisados e discutidos em ateliê e, logo após, foram formados novos grupos que passaram a conter um membro de cada dimensão de análise e, desta forma, atingiu-se o caráter multidisciplinar necessário para qualquer intervenção em um jardim histórico, conforme a Carta de Florença (1981) e Carbonara (1997).

A leitura entre as equipes e os debates em sala de aula possibilitaram perceber como o jardim da Sudene encontra-se em processo avançado de descaracterização da ideia projetual de Burle Marx. A falha do sistema hidráulico, principalmente de irrigação das jardineiras, ocasionou a perda das espécies, principalmente herbáceas, indicadas no projeto original. Hoje, o que existe são espécies de cactáceas e euforbiáceas (Figura 11a) que se mantêm justamente por serem resistentes à falta d'água.

Alguns indivíduos de espécies arbóreas e de palmeiras do projeto original testificam o passar do tempo no jardim, por terem um ciclo de vida mais longo e serem mais resistentes, e conferem um valor histórico, botânico e paisagístico ao jardim. Porém, percebe-se que alguns destes indivíduos vêm sofrendo danos físicos [fixação de placas e fios de sustentação] e biológicos [ataques por pragas como o mata-pau (*Ficus arboricida*) e erva-de-passarinho (*Phthirusa pyrifolia* e *Sthruanthus marginatus*)]. Caso não ocorra o manejo imediato das pragas, a sua presença ocasionará a morte dos indivíduos hospedeiros, favorecendo ainda mais a descaracterização do projeto paisagístico e a perda dos valores.

Arelado a tais condições, também está o plantio de árvores frutíferas, como jameiro (*Syzygium malaccense*) e mangueira (*Mangifera indica*) por parte dos funcionários do edifício, além do surgimento de espécies vegetais espontâneas, que estão danificando os pisos (Figura 11b), uma vez que elas não estão sendo remanejadas. Em certos trechos, também é possível observar o crescimento desordenado da vegetação arbórea e arbustiva que dificulta a leitura compositiva do conjunto (Figura 11c). Ademais, 36 espécies divergentes ao projeto original foram acrescentadas e apenas cerca de 40% das espécies indicadas por Burle Marx hoje permanecem no jardim, porém, nem todas correspondem ao local de plantio indicado em planta baixa.

10



Figura 10 – Visitas de campo e atividades de análise realizadas em 2018 durante a disciplina.



Figura 11 – Cactáceas e euforbiáceas presentes no terraço jardim (a), piso danificado pela vegetação espontânea (b) e crescimento desordenado de vegetação espontânea (c), 2018.

Como podemos observar na Figura 12, a calçada em pedra portuguesa que emoldura o jardim encontra-se bastante danificada (Figura 12a), além da falta de manutenção que se estende para os caminhos internos. A relação do jardim com a rua foi bastante segregada pela instalação do gradil (Figura 12b e 12c), que o isolou de seu entorno imediato e também criou várias divisões internas.

Além disso, os bancos de concreto, situados na área de estar, estão quebrados e foram descaracterizados ao passar por pintura e perder sua expressão original de concreto aparente (Figura 13a). Há também duas rampas de acessibilidade que, por sua vez, não possuem um desenho arquitetônico que dialoga com o edifício-sede e o jardim (Figura 13b). O espelho d'água (Figura 13c), que

também servia para refrigerar o estacionamento interno, encontra-se aterrado e as plantas espontâneas com mais de 1,5m de altura dominam o lugar.

Pelo processo de instalação da UFPE no conjunto da Sudene, ações de manutenção vêm ocorrendo e uma merece destaque: a impermeabilização das jardineiras do terraço jardim, visto que o sistema hidráulico estava sobrecarregado, ocasionando vazamentos e infiltrações. Contudo, tais jardineiras eram um dos poucos espaços que possuíam espécies indicadas por Burle Marx e que, depois da impermeabilização, ficaram fortemente descaracterizadas, já que plantaram espécies desassociadas do projeto original, como, por exemplo, a onze-horas (*Portulaca* sp.) (Figura 14). Tal descaracterização alerta para a perda de atributos patrimo-



Figura 12 – Calçada danificada (a), gradil que isola o conjunto do entorno (b e c), 2018.



Figura 13 – Banco de concreto danificado (a), rampa de concreto inserida nos anos 2000 (b) e espelho d'água aterrado (c), 2018.



Figura 14 – Descaracterização das jardineiras do terraço jardim, 2019.

12

niais e, conseqüentemente, seus valores, que terão rebatimento direto na autenticidade, integridade e significância do conjunto edifícios-jardim.

Ante as constatações, durante seis dias as equipes se debruçaram em concretizar um estudo preliminar de conservação levando em conta a situação atual do conjunto (Figura 15), abarcando a realidade do entorno imediato, bem como os novos usos. Além disso, foram apontadas diretrizes de intervenção para a área, que foi dividida em cinco trechos de intervenção, correspondentes às partes *Norte*, *Sul*, *Leste*, *Oeste* e *terraço-jardim*.

As principais diretrizes propostas pelos alunos foram: (1) Recomposição da pavimentação em pedra portuguesa; (2) Reestruturação do sistema hidráulico, dos canteiros e do espelho d' água; (3) Retirada do gradil e readequação das rampas do edifício; (4) Manutenção das espécies originais (identificadas em projeto, em fotos históricas e visitas de campo); (5) Replântio das espécies originais e/ou plantio de espécies semelhantes, na recomposição de vazios; (6) Manutenção de espécies não originais consolidadas,

com indicação de sua substituição futura; (7) Retirada de espécies não constantes no projeto original, em casos de presença de patologias; (8) Tratamento das patologias presentes em indivíduos originais.

Baseando-se nos postulados de Carmen Añón Feliú (1993), que considera que as diretrizes fundamentais de qualquer projeto de restauro são ser fiel a origem do jardim, respeitar o tempo, valorar os aportes e evitar as dissonâncias, os alunos propuseram ações para cada área do jardim, dada a complexidade e necessidades específicas de cada uma delas (Figura 16).

No primeiro trecho, a parte *Norte* do conjunto, houve um consenso por parte dos grupos para a recuperação do espelho d' água e substituição dos indivíduos de pata-de-vaca (*Bauhinia monandra*) pelos sombreiros (*Clitoria fairchildiana*) previstos no projeto original. Os indivíduos de sombreiro que ainda se mantêm receberiam tratamento fitossanitário para que possam se manter saudáveis, já que são testemunhos vivos do jardim, configurando-se em um atributo para o valor botânico, histórico e



Já na parte *Oeste*, que faz face à BR-101, todos os grupos chegaram à decisão da retirada de espécies que se encontravam rentes às edificações, comprometendo seu sistema estrutural e criando uma barreira visual, impossibilitando a leitura do conjunto (edifícios-jardim), bem como do entorno imediato. Todos propuseram a recuperação estrutural dos canteiros em concreto junto à escadaria e também indicaram a manutenção das espécies que estavam de acordo com o projeto original, aumentando a concentração daquelas em menor quantidade, como o jasmim-manga (*Plumeria rubra*). Próximo ao canal do Cavouco, uma parte dos grupos optou pela retirada de algumas espécies de palmeiras que hoje coexistem com as macaibeiras, originalmente previstas; já outras equipes, consideraram-nas como testemunhos do jardim, argumentando que estas não interferiam na leitura de sua totalidade, ou seja, da ideia de Burle Marx.

Outro ponto de discussão entre os grupos foram as rampas introduzidas posteriormente ao projeto por conta das necessidades de acessibilidade. Na discussão em sala de aula foi de comum acordo que o projeto executado interferia na leitura arquitetônica e vegetal do conjunto, dada a necessidade de supressão de várias espécies do projeto original. Embora nem todos os grupos tenham demonstrado uma nova solução espacial, todos optaram por indicar uma alteração da rampa existente.

Na parte *Leste*, as decisões foram compactuadas por todos os grupos na questão do reestabelecimento das espécies herbáceas dos canteiros ao redor dos bancos de concreto e do passeio que hoje se encontram permeados por lírios-brancos (*Crinum asiaticum*). Admitiu-se a permanência de espécies arbóreas distintas do projeto original que se encontrassem sadias, com a indicação, no Plano de Manejo, de que fossem substituídas, após sua morte, por espécies originalmente indicadas por Burle Marx.

Na parte *Sul* do conjunto, que apresenta menos similaridade com a planta original, justamente pelas mudanças ocorridas na implementação do projeto, alguns grupos resolveram alterar o caminho interno da circulação de carros para corresponder ao projeto original, enquanto outros mantiveram o desenho atual. Esse trecho foi o de maior desacordo entre as equipes quanto às soluções para a introdução e retirada de espécies, divergindo entre a reintrodução correspondentes ao projeto original ou a recomposição dos vazios com espécies similares às existentes. Por último, no terraço-jardim foi proposta, de forma coletiva, a poda dos indivíduos de brinco de princesa (*Allamanda nobilis*) e a requalificação da estrutura das jardineiras, assim como a manutenção dos canteiros com as espécies indicadas por Burle Marx.



Figura 17 – Apresentação final da disciplina.

As soluções foram apresentadas a um júri composto pelas professoras Ana Rita Sá Carneiro e Lúcia M. S. Cavalcanti Veras, ambas do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da UFPE; pelo Professor José Mariano de Sá Aragão, do Departamento de Engenharia Civil, coordenador da comissão para instalação da UFPE no prédio da Sudene, naquele momento, e pelo técnico Wassil Alencar, atual coordenador do Edifício da antiga sede da Sudene (Figura 17). Interessante notar que, apesar do objeto ser o mesmo, cada equipe trouxe peculiaridades nas suas propostas, desde o conceito até a valorização de aspectos distintos do jardim.

Devido à proporção da área escolhida como objeto da disciplina e da complexidade da intervenção para restauro, as soluções mantiveram caráter mais abrangente, não sendo possível o detalhamento das soluções em relação à conexão com o Campus Reitor Joaquim Amazonas da UFPE e a Praça Ministro João Gonçalves de Souza, lindeira ao conjunto, algo que também foi um aspecto bastante discutido durante as análises feitas na disciplina.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conservação do jardim histórico é um tema complexo e que nos últimos anos aumentou em quantidade e qualidade das publicações. Contudo, quando nos remetemos à conservação de jardins históricos como disciplina a realidade é bem diferente. No Brasil, os cursos de Arquitetura e Urbanismo, assim como de Pós-Graduação não tratam deste tema de forma específica. Destaque deve ser dado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE que em 2018 implanta em sua grade curricular a disciplina *Oficina de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo 2A – Arquitetura da Paisagem* (como foco em conservação de jardins históricos), bem como o Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano com a disciplina *Jardim Histórico como Patrimônio Cultural* iniciada em 2019.

Em 2018 a disciplina *Oficina de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo 2A – Arquitetura da Paisagem – Arquitetura da Paisagem* ocorreu no momento crucial para a UFPE, que incorporou em 2017 o antigo prédio da Sudene ao seu patrimônio e por isso necessitava do máximo de informação para a conservação tanto do jardim como dos edifícios.

Todas as análises realizadas durante a disciplina foram de suma importância para compor o estudo preliminar do projeto de restauro do jardim da Sudene. Vele destacar que os estudos realizados evidenciaram alterações no projeto paisagístico durante sua implementação e que não foram registradas no projeto original. Caso tivesse ocorrido o restauro do jardim sem levar em conta tais alterações, reveladas durante a pesquisa histórica, teria sido cometido um falso histórico e um falso artístico.

Em termos teórico-metodológicos, a disciplina foi um desafio, já que havia alunos de períodos distintos, do terceiro ao nono semestre. Contudo, ter uma disciplina onde a teoria da conservação esteve conjunta à prática projetual foi uma experiência diferenciada para os alunos e que proporcionou maior empenho deles na busca de soluções mais adequadas ao bem cultural. Não obstante, as partes de botânica e hidráulica aplicadas ao paisagismo foi, na visão dos alunos, o aspecto mais complexo, já que o curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPE não tem em sua estrutura curricular componentes que abarquem esses temas específicos.

Por fim, se sabe que o tempo da disciplina, 75 horas/aula, é mínimo para um aprofundamento teórico-metodológico no que tange a conservação de jardins históricos, porém, foi um grande passo para incutir nos alunos de Arquitetura e Urbanismo da UFPE a visão do jardim como bem patrimonial, bem como entender a complexidade atrelada à conservação da vida do jardim.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANÓN FELIÚ, Carmen. El jardín histórico: notas para una metodología previa al proyecto de recuperación. *In*: ICOMOS. *Jardins et sites historiques*. Madrid: Doce Calles, 1993. p. 312-325.
- BALDINI, Umberto. *Teoría de la restauración y unidad de metodología*. Madrid: Nerea, 2002.
- BISPO, Alba. *Patrimônio modernista: um estudo sobre os critérios de preservação aplicados na Sudene*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.
- CARBONARA, Giovanni. *Avvicinamento al restauro: teoria, storia, monumenti*. Napoli: Liguori, 1997.
- CARTA de Florença (1981). *In*: CURY, Isabelle (org.). *Cartas patrimoniais*. Rio de Janeiro: Iphan, 2000, p. 253-258.
- FERREIRA, Raquel. *O jardim de Burle Marx para a Sudene: um patrimônio moderno no Recife*. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado de Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2018.
- FERREIRA, Raquel; SILVA, Jônatas; VIEIRA-DE-ARAÚJO, Natália. A sede da Sudene: desafios a conservação de um marco modernista na paisagem recifense. *In*: SIMPÓSIO CIENTÍFICO ICOMOS BRASIL, 2., 2018, Belo Horizonte. *Anais [...]*. Belo Horizonte: UFMG, 2018. p. 2672-2693. Disponível em: <https://bit.ly/3aRozrh>. Acesso em: 30 abr. 2020.
- GIEDION, Sigfried. Le Brésil et l'architecture contemporaine. *L'Architecture d'aujourd'hui*, Paris, n. 43, p. 3, 1952.
- IPHAN. Carta dos Jardins Históricos Brasileiros dita Carta de Juiz de Fora. [Juiz de Fora]: Iphan, 2010. Disponível em: <https://bit.ly/3f9ffSU>. Acesso em: 30 abr. 2020
- IPHAN. *Manual de intervenção em jardins históricos*. Rio de Janeiro: Iphan, 1999.
- JARDINS brasileiros com flora brasileira: brejo e caatinga, plantas dos desertos e das águas com motivos ornamentais. *O Carioca*, Rio de Janeiro, p. 32-33, 20 jun. 1936.
- NASLAVSKY, Guilah. *Arquitetura moderna no Recife 1949-1972*. Recife: [s. n.], 2012.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita; CASTEL-BRANCO, Cristina; SILVA, Joelmir Marques da. Burle Marx no Recife: restauro do jardim do aeroporto dos Guararapes como bem patrimonial. *Paisagem e Ambiente*, São Paulo, n. 37, p. 53-71, 2016. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2359-5361.v0i37p53-71>.
- SÁ CARNEIRO, Ana Rita, SILVA, Joelmir Marques da; ROLIM, Maria Eduarda Dantas de Oliveira. Inventário e conservação do jardim de Burle Marx na Sudene. *Percursos*, Maringá, v. 10, n. 1, p. 111-130, 2018.
- SANTANA, Jorge. O planejamento regional do nordeste brasileiro e o papel da Sude- ne. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, v. 51, n. 2, p. 5-15, 1939. p. 5-15.
- SILVA, Joelmir Marques da. *Integridade visual nos monumentos vivos: os Jardins Históricos de Roberto Burle Marx*. 2017. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Urbano) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

## AGRADECIMENTOS

A todos os alunos da disciplina Oficina de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo 2A – Arquitetura da Paisagem de 2018 pelos desafios. Ao Professor José Mariano de Sá Aragão (*in memoriam*) e a Wassil Alencar, responsáveis pela instalação da UFPE no prédio da Sudene, pela parceria e dedicação no querer fazer a diferença ao olhar a Sudene como um patrimônio.

Joelmir Marques da Silva  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Laboratório da Paisagem.  
International Scientific Committee on Cultural Landscapes (ISCCCL - ICOMOS-IFLA). International Council of Monuments and Sites (ICOMOS -BRASIL).  
Avenida Acadêmico Helio Ramos, S/N, Cidade Universitária, Recife, Brasil, PE, 50740-540  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8323-7171>  
[joelmir\\_marques@hotmail.com](mailto:joelmir_marques@hotmail.com)

Raquel Nadine Cavalcante Ferreira  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Laboratório da Paisagem.  
Avenida Acadêmico Helio Ramos, S/N, Cidade Universitária, Recife, PE, Brasil, 50740-540  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4203-3930>  
[raqueelnadine@hotmail.com](mailto:raqueelnadine@hotmail.com)

Wilson de Barros Feitosa Júnior  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Laboratório da Paisagem.  
Avenida Acadêmico Helio Ramos, S/N, Cidade Universitária, Recife, PE, Brasil, 50740-540  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9992-3566>  
[wilsonbarrosf@gmail.com](mailto:wilsonbarrosf@gmail.com)

Thaís Santos Costa  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Laboratório da Paisagem.  
Avenida Acadêmico Helio Ramos, S/N, Cidade Universitária, Recife, PE, Brasil, 50740-540  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8474-5258>  
thaisscosta.26@gmail.com

Elzilane Carvalho  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Departamento de Arquitetura e Urbanismo.  
Avenida Acadêmico Helio Ramos, S/N, Cidade Universitária, Recife, PE, Brasil, 50740-540  
laanearq@gmail.com  
Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6490-8881>  
laanearq@gmail.com

Nota do Editor  
Revisão do texto: Tikinet  
Submetido em: 23/12/2019  
Aprovado em: 18/03/2020